

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

TAYANA CATUNDA RODRIGUES

AMBIENTE E EDUCAÇÃO: UMA INVENÇÃO DISCURSIVA

MANAUS - AM

2018

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

TAYANA CATUNDA RODRIGUES

AMBIENTE E EDUCAÇÃO: UMA INVENÇÃO DISCURSIVA

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Mônica de Oliveira Costa.

MANAUS – AM

2018

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

R696a	Rodrigues, Tayana Catunda Ambiente e educação: uma invenção discursiva. / Tayana Catunda Rodrigues. Manaus : [s.n], 2018. 33 f.: color.; 30 cm. TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018. Inclui bibliografia Orientador: Mônica de Oliveira Costa 1. Ambiente. 2. Discurso. 3. Foucault. I. Mônica de Oliveira Costa (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Ambiente e educação: uma invenção discursiva.
-------	--

TAYANA CATUNDA RODRIGUES

AMBIENTE E EDUCAÇÃO: UMA INVENÇÃO DISCURSIVA

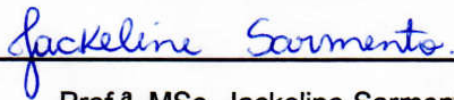
Monografia apresentada a Coordenação do Curso de Pedagogia, da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito parcial para obtenção de título de licenciada em Pedagogia.

DATA DA APROVAÇÃO: 05/12/2018

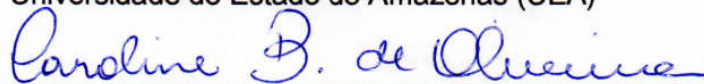
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Mônica de Oliveira Costa (Orientadora)
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)



Prof.^a MSc. Jackeline Sarmento
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)



Prof.^a Msc. Caroline Barroncas de Oliveira
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por toda força obtida em tantos momentos difíceis até a conclusão deste trabalho.

Agradeço aos meus pais Maria da Conceição Ribeiro Catunda (in memoriam) e Rui Silva Rodrigues, que contribuíram de maneira imensurável para a minha graduação.

À Luzinete Cardoso (in memoriam) pelos dias dedicados ao meu filho, que me possibilitaram prosseguir em meus estudos.

Ao meu amado filho Enzo Rodrigues, grande motivador e professor.

À minha orientadora Prof^a. Dra. Mônica Costa, que durante todo esse período de elaboração do TCC me ajudou a vencer mais esta etapa.

À Professora Caroline Barroncas, pela luz dada quanto à escolha do tema e por indicar-me a Prof^a. Mônica Costa.

Aos alunos que passaram em minha pequena trajetória como professora e que me motivaram e ainda me motivam a continuar nessa profissão.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, ajudaram na conclusão deste trabalho.

“Eu não sou um profeta. O meu trabalho é criar janelas onde havia apenas paredes”.

Michel Foucault, 1975.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cascão e os terríveis esfumaçantes.	23
Figura 2 – Cascão e os terríveis esfumaçantes.	23
Figura 3 – Cascão e os terríveis esfumaçantes.	23
Figura 4 – O Cascãozão.	25
Figura 5 – O Cascãozão.	25
Figura 6 – Gibis, pra que te quero.	27
Figura 7 – O rei do deserto.	29
Figura 8 – O rei do deserto.	30

RESUMO

A presente monografia tem por objetivo geral investigar os modos de ver e dizer o ambiente no gibi A turma da Mônica - 50 anos a partir da análise discursiva de Michel Foucault. Os objetivos específicos são: Estudar a ferramenta do discurso em Michel Foucault; mapear os modos de ver e dizer o ambiente produzido pelo gibi A turma da Mônica – 50 anos. A coleção Turma da Mônica – 50 anos apresenta cinco almanaques, sendo cinco personagens (um para cada almanaque) que são: Mônica, Cascão, Cebolinha, Magali e Bidu. Elegemos de forma aleatória o Almanaque do Cascão como empiria. É utilizada a ferramenta do discurso para Michel Foucault, em termos teórico-metodológicos, que nos possibilitou mapear os enunciados que produzem uma ideia de ambiente a partir das características do discurso para esse autor. Desse modo, as categorias de análise não são definidas à priori, mas no desenvolvimento da análise quando utilizamos a ferramenta do discurso. Assim, o almanaque é visto nesse trabalho no sentido pedagógico de ensinar modos corretos de ver e dizer o ambiente. Os enunciados eleitos são: Ambiente poluído e Cuidado com o planeta, ser sustentável. O enunciado Ambiente poluído produz uma ideia de ambiente urbano poluído, que precisa de intervenção, com pessoas vulneráveis, impotentes diante da situação. O enunciado Cuidado com o planeta, ser sustentável produz uma ideia de ambiente que precisa ser pensado para as futuras gerações, com uma boa utilização dos recursos naturais.

Palavras-chave: Ambiente. Discurso. Foucault.

ABSTRACT

This monograph has as general objective to investigate the ways of seeing and saying the environment in the comic The group of Monica - 50 years from the discursive analysis of Michel Foucault. The specific objectives are: To study the tool of the speech in Michel Foucault and to map the ways of seeing and saying the environment produced/taught by the comic The group of Monica - 50 years. The collection Turma da Mônica - 50 years presents five almanacs, with five characters (one for each almanac) that are: Mônica, Cascão, Cebolinha, Magali and Bidu. We randomly chose Cascão Almanac as empiria. Michel Foucault's discourse tool is used in theoretical-methodological terms, which enabled us to map the statements that produce an idea of the environment from the characteristics of the discourse for this author. In this way, the categories of analysis are not defined a priori, but in the development of analysis when we use the tool of Foucault's discourse. Thus, the almanac is seen in this work in the pedagogical sense of teaching correct ways of seeing and saying the environment. The chosen statements are: Polluted Environment and Beware of the planet, be sustainable. The statement Polluted environment produces an idea of polluted urban environment, which needs intervention, with vulnerable people, powerless in the face of the situation. The statement Beware of the planet, being sustainable produces an idea of environment that needs to be thought for future generations, with a good use of natural resources.

Key words: Environment. Discourse. Foucault.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CAPÍTULO I – O AMBIENTE COMO PRODUÇÃO DISCURSIVA.....	13
2.1 HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO CONTEXTO ESCOLAR.....	19
3. CAPÍTULO II – A PRODUÇÃO DO AMBIENTE NO ALMANAQUE DO CASCÃO	21
3.1 Enunciado 1: Ambiente poluído	22
3.2 Enunciado 2: Cuidado com o ambiente, ser sustentável	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

INTRODUÇÃO

O tema Ambiente é muito discutido na educação brasileira, em especial na Educação em Ciências. Acreditamos que essa valorização passa pela crença de que a escola deve ensinar maneiras verdadeiras de se relacionar com o ambiente. Guimarães (2008, p.7) propõe-nos uma importante reflexão:

Os modos como enxergamos e nos relacionamos com a natureza são frutos do momento histórico em que vivemos. Muitas vezes, não percebemos que os nossos atos, as maneiras de narrar acontecimentos, os modos de vermos a nós mesmos e aos outros, tudo isso são negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam através da cultura.

Dessa forma, olhar o ambiente requer que nos coloquemos a pensar nos atravessamentos e nas relações sociais e culturais que estabelecemos e que nos produzem enquanto sujeitos. O autor nos faz pensar a respeito do quanto a forma com a qual olhamos a natureza é formatada a partir dos discursos que nos atravessam cotidianamente e construída de acordo com a cultura em que vamos nos inserindo e participando no decorrer da vida.

O modo como o olhamos não é neutro e muito menos individual, não havendo uma fórmula adequada de olhar o ambiente. É, isto sim, repleto de atravessamentos do mundo em que vivemos e no qual agimos e interagimos. Sendo assim, assumimos o entendimento de que existem múltiplas formas de ver, compreender e enunciar o ambiente, considerando o momento histórico, político, social e cultural do qual fazemos parte (GARRÉ, 2015).

Assumindo a ferramenta do discurso em Foucault tomamos os enunciados como produtores de modos de ver e dizer o ambiente e que nunca são tidos como desinteressados, pois estão dispersos em meio a relações de poder/saber. Assumir o risco em tomar o ambiente como objeto discursivo produzido pelo gibi da Turma da Mônica – 50 anos é uma tentativa de lutar contra todo olhar que busca unidade, homogeneidade e instituir possíveis rasuras, fissuras e incompletudes.

O intento aqui é investigar os modos de ver e dizer o ambiente no gibi A turma da Mônica – 50 anos, a partir da análise discursiva de Michel Foucault. Ao olharmos para a escola como fabricação dos tempos modernos tomamos os gibis como artefatos de subjetivação, como a literatura, a mídia e tantos outros

que servem como inscrição nos corpos de marcas e normas consideradas desejáveis e necessárias.

Como aponta Veiga-Neto:

Mais que qualquer outra instituição, a escola encarregou-se de operar as individualizações disciplinares, engendrando nossas subjetividades e, com isso, cumpriu um papel decisivo na constituição da sociedade moderna. (2013, p. 70)

Admitimos, portanto, que as histórias em quadrinhos utilizadas pela escola constituem a parte dessa função pedagógica, atuando na proliferação de enunciados que delineiam os modos de pensar a vida, a sociedade, o cotidiano, o ambiente.

Examinar os gibis enquanto artefatos de uma pedagogia nos permite ver suas implicações na fabricação de um ambiente entendido como real, verdadeiro e correto, pois “o que é a educação senão o processo através do qual a sociedade incute normas, padrões e valores – em resumo a ‘cultura’- na geração seguinte” (HALL, 1997, p. 40-41).

Devemos colocar luz nos discursos mais encrustados historicamente, aqueles que não nos incomodam, aquilo que é tido como natural e desconfiar de sua positividade/produzividade. Provocar o campo de estudos sobre o ambiente é propósito dessa pesquisa.

O objetivo geral é investigar os modos de ver e dizer o ambiente no gibi A turma da Mônica - 50 anos a partir da análise discursiva de Michel Foucault. Os objetivos específicos são: Estudar a ferramenta do discurso em Michel Foucault e mapear os modos de ver e dizer o ambiente produzidos ensinados pelo gibi A turma da Mônica – 50 anos. É neste entendimento que acreditamos na contribuição deste trabalho para que licenciados problematizem verdades naturalizadas sobre ambiente e tenham possibilidades de reinventar outros modos de ver e dizer.

O valor desta pesquisa está na oportunidade de que professores em formação inicial têm de investigar a rede discursiva que produz o conceito de educação e ambiente, tomados como modelos e que chegam às escolas para formar, moldar e conformar modos de ver e entender as questões ambientais.

O trabalho está organizado em dois capítulos: o primeiro contemplando uma abordagem relacionada ao ambiente como produção discursiva, no qual

discuto o conceito de discurso em Michel Foucault; o segundo capítulo apresenta as análises realizadas em relação à coleção Turma da Mônica – 50 anos e suas considerações.

CAPÍTULO I – O AMBIENTE COMO PRODUÇÃO DISCURSIVA

Tratar de questões que envolvam os temas de educação e ambiente implica em tarefa complexa e desafiadora a qualquer pesquisador, professor, acadêmico ou qualquer outra posição relacionada à educação, especialmente devido aos modos de fabricações e dispersão do entendimento de tais temas.

Educação e ambiente são moldados por uma trama discursiva (discursos escolar, econômico, religioso, político, científico, entre outros) que fabricam um corpo teórico-metodológico tido como verdadeiro e imprescindível. Sendo assim, destacamos como produtivo problematizar a partir dos estudos pós-críticos, os modos como educação e ambiente vêm sendo entendidos pelos professores em formação inicial, no sentido de discutir as supostas verdades impostas pelas redes discursivas.

Entendemos, assim, que toda verdade sobre educação e ambiente é inventada e resultado de relações de saber-poder. É fundamental olhar para os efeitos dela relação.

Neste estudo, as questões que o movimentam entendem ambiente enquanto objeto discursivo que não é visto como um campo estável e uníssono, composto por discursos integrados que se complementam, mas sim como espaço de embates e dissonâncias, como arena de luta na qual o que se disputa é o poder de significá-lo.

Para Foucault, os discursos são “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (2002, p.56) Os discursos descrevem, fabricam e inventam o mundo, que só tem sentido a partir desses ditos.

Foucault nos convida a não mais tomar os discursos como um mero conjunto de signos. Explica ele:

Os discursos são feitos de signos, mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os tornam

irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (2008, p. 60)

É dentro desse “mais” que se busca discutir o ambiente naturalizado no gibi a Turma da Mônica – 50 anos, já que a forma de sua apresentação leva a um entendimento banalizado e familiar, constituindo formas de ver e dizer que parecem inatas.

Todo discurso é uma prática e tem sua produtividade. Nas palavras de Foucault (2008, p.133):

[...]é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo, e o espaço, que definiriam em uma dada época, e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa.

Estamos sempre afirmando verdades de um tempo e obedecendo a um conjunto de regras, dadas historicamente. As dinâmicas de poder e saber de seu tempo amarram radicalmente as coisas ditas. O conceito de prática discursiva, para Foucault, não se confunde com a mera expressão de ideias, pensamentos ou formulação de frases. Exercer uma prática discursiva significa falar segundo determinadas regras, e expor as relações que se dão dentro de um discurso.

Toma-se o conceito de discurso da análise do discurso na perspectiva foucaultiana, que o considera como um conjunto de práticas que sempre estão produzindo múltiplas verdades sobre as coisas, e produzindo as próprias coisas de que falam. Logo, o ambiente como objeto discursivo muda de acordo com as condições históricas, culturais e sociais.

O ambiente não é sempre o mesmo em nossos percursos formativos. Conforme a história se modifica a posição de sujeito e o ambiente sofrem transformações, produzidas/produtoras por/de novos enunciados imagéticos que entram na ordem do discurso ambiental na atualidade.

De acordo com Oliveira (2015) o saber sobre o ambiente não está retido nas mãos da ciência, está disperso nos ditos científicos, médicos, religiosos, jurídicos dentre outros, postos em circulação nas imagens/discursos que prescrevem como os sujeitos ambientais devem agir frente aos elementos naturais.

Ainda para a autora, os enunciados sobre ambiente produzem modos de dizer e ver as questões ambientais, ou dão lições de “como nos relacionar”, e

“como cuidar do planeta”. Em todos os casos, os enunciados produzem modos de ver o ambiente como aquele que pedagogiza o homem, a chamada (bio)pedagogização.

As produções do ambiente alcançam rápida divulgação na mídia. Os meios de comunicação não só nos apresentam o ambiente, mas produzem discursos que ensinam a cuidar dele. Reproduzimos esses discursos quando ocupamos o lugar de fala do ecólogo, ambientalista, biólogo dentre outras posições de sujeito que produzem discursos sobre o ambiente.

Para atender a essa produtividade dos discursos sobre ambiente são produzidos discursos que associam novos saberes para um novo modelo de humanidade, que instituem regras que estão

sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2008 p.138).

Ao nos referimos a práticas discursivas queremos com isso denunciar que os discursos não permanecem no âmbito das ideias, eles fabricam modos de ser dentro de um discurso.

O ambiente não aguarda inerte por uma ordem ambiental que vai revelá-lo, pois ele é nada mais que uma coisa que apareceu dentro de uma série de discursos, em um complexo feixe de relações de poder e saber. O ambiente enquanto objeto de discursos pode ter múltiplas formas de aparecimento no decorrer da história, e que ainda hoje continua ganhando espaço nos ditos do discurso. Ele não preexiste em si mesmo, mas ao longo da história se constrói como um objeto específico que em cada época se faz diferente, pois é produzido em meio a relações sociais e culturais, em um mosaico multiforme.

O ambiente não nos é dado, mas é fabricado/montado nesta curiosidade de criança, que inventa vida, sem pretensões de encontrar algo específico, mas sim de criar seres nunca antes imaginados, e fabricar tudo o que seja possível. Se o ambiente é uma criação, em cada momento da história emergem modelos diferentes desse objeto, de tal forma que podemos nos referir a ele como sendo

um objeto de época que nem sempre obedece aos anos passados, mas depende “do ponto de sua possibilidade histórica” (FOUCAULT, 2008, p.18).

Reafirma-se que toda a prática discursiva é um discurso, e todo o discurso tem sua produção discursiva que “(...) é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos” (FOUCAULT, 2011, p. 9) que fazem com que eles não circulem sem sofrer intervenções por instituições ou pelos próprios sujeitos do discurso. Dessa forma, não importa se a produção discursiva é feita por estruturas econômicas ou educacionais da sociedade, o controle, seleção e organização sempre podem ser analisados.

Como podemos observar, não há um discurso único sobre o ambiente, pois os discursos são produzidos a todo o momento, de um ambiente que se reinventa, em novas práticas, pois o discurso “é uma prática que tem suas formas próprias de encadeamento e de sucessão” (FOUCAULT, 2008, p. 191).

Os discursos sobre o ambiente voltam a ser ditos, mas nunca iguais. São sempre diferentes, singulares, ideia que Foucault (2011) chama de acontecimento discursivo, que é o discurso no momento em que é produzido. De acordo com ele, o acontecimento pode ser curto, longo, raro ou repetitivo e está sempre na atualidade do discurso.

Os discursos possuem regularidade, que é a reaparição dos enunciados em diferentes espaços/formações discursivas, isto é, na dispersão. Os enunciados podem reagrupar-se e dispersar-se permitindo que um discurso reapareça e se modifique em diferentes momentos e contextos históricos. O que se modifica são as condições de possibilidade para se falar do ambiente, que fazem ecoar enunciados que fabricam modos de ver e de dizer, ou seja, dizibilidades e visibilidades do discurso.

Atualmente nos deparamos com diversas formas de produção do ambiente quando olhamos as mídias, dentre elas, reportagens em jornais e revistas (impressas ou digitais), que produzem e ampliam nossas experiências visuais. Por esse motivo, nossos olhos não mais estranham as “notícias ambientais”. Contudo, como mais do que informação essas mídias operam como dispositivos pedagógicos que produzem e põem em circulação valores, sendo, portando lugares de formação para a vida (FISCHER, 2002).

Exemplos de notícias ambientais fornecidas pelo jornal Em Tempo, por via digital.



PESQUISA - 10 DE SETEMBRO DE 2018 - 14:18

Primeiro biodiesel da região norte feito com restos de peixe

Confira reportagem da TV Em Tempo sobre projeto experimental



FEIRA CIENTIFICA - 30 DE AGOSTO DE 2018 - 17:55

Alunos de Manaus apresentam ideias para salvar o planeta

Com o tema "Ser Futurista: Ideias para salvar o Planeta", os estudantes participam da 32ª Feira Científico Cultural Instituições Educacionais Nelly Falcão de Souza



DESASTRE AMBIENTAL - 29 DE AGOSTO DE 2018 - 19:14

Óleo derramado no rio Negro por empurrador chega a quase 2 mil litros

Multa para a empresa J. F. de Oliveira, que faz parte do Grupo Chibatão, pode chegar a R\$ 52 milhões, de acordo com a Lei de Crimes Ambientais. Penalidade só será aplicada,

Em todas as notícias citadas anteriormente percebemos em seu discurso a preocupação e o cuidado com o ambiente. Um biodiesel pensado a partir de restos de peixe contribui para o ambiente, visto que esta matéria-prima suja a Amazônia; com crianças apresentando sugestões para 'salvar a Terra' em uma feira de ciências dá-se a ideia do homem como protetor do planeta. Há também um discurso econômico muito presente nas notícias a respeito do biodiesel e do óleo derramado.

Segundo Foucault (2011), os discursos são produzidos pela linguagem de forma arbitrária, ao mesmo tempo que eles produzem a verdade sobre as coisas. Todo o discurso na medida em que é produzido pode também ser considerado como prática, ou seja, produz coisas. Se o discurso faz mais que designar as coisas, podemos chamá-lo de prática discursiva, já que estão sempre fabricando os objetos de que falam (FOUCAULT, 2008).

Oliveira (2015) afirma que o discurso sobre o ambiente tem desempenhado um papel importante não só nas escolhas políticas e econômicas na atualidade, ou seja, nas práticas discursivas, como nas práticas cotidianas de coleta seletiva nos bairros ou em passeatas pela redução no consumo de água, chamadas práticas não discursivas. Esse conjunto forma o conjunto de discursos sobre o ambiente.

Os discursos se constroem em meio a relações de poder e saber. Segundo Foucault (2008, p.76) as “formações discursivas são visualizadas quando conseguirmos identificar o jogo de relações em que elas se amparam”.

Vem sendo muito produzido o discurso que coloca o homem como guardião do ambiente, atrelando-se a compaixão ao semelhante. Esse discurso de proteção aos semelhantes produz dubiedades, pois ao mesmo tempo que produz o ambiente como um conjunto homogêneo, coloca o homem na relação de dominação, evidenciando, que somente ele, pudesse proteger os seus semelhantes e de si mesmo em determinados momentos.

Dito de outra forma, o enunciado “todos somos iguais” produz ao mesmo tempo, o homem, como sujeito que ocupa um lugar de dominador do ambiente, e aquele que, em relação afetiva com o ambiente, pode salvá-lo. Ao mesmo tempo o homem é o dominador e redentor de outro modelo de ambiente, o equilibrado.

Não nascemos com o modo de ver as coisas, logo, este também é fabricado. Trata-se de uma produção cultural e social, historicamente construída pelos discursos ambientais. Portanto, existem múltiplas verdades e não uma verdade absoluta, que devem ser problematizadas, em vários suportes.

A contemporaneidade vive minuciosa pedagogização ambiental, que se impõe com intensidade a cada um e a todos. A subjetivação ambiental captura e constitui sujeitos ecológicos, tanto em nível de pessoas físicas quanto de pessoas jurídicas. (SANTOS, 2013, p.53)

Isso acontece porque existe um saber sobre um ambiente que circula na sociedade ensinando as pessoas sobre como interagir com o ambiente de maneira menos impactante possível.

Nas escolas, livrarias e até em supermercados de Manaus podem ser encontrados livros que abordam o cuidado com o meio ambiente, que falam sobre uma boa utilização da água, a confecção de brinquedos recicláveis, entre outros temas.

O Almanaque do Bidu foi encontrado pela pesquisadora em uma escola da rede pública de Manaus, estando junto com livros infantis de fácil acesso para os alunos em uma sala de aula de uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental.

Pôde-se notar que, apesar de interessante, ele não trazia um conteúdo relevante que pudesse ser analisado nesse artigo.

Dulley (2004, p.4), afirma que:

Por ambiente entende-se o “... Conjunto de condições que envolvem e sustentam os seres vivos na biosfera, como um todo ou em parte desta, abrangendo elementos do clima, solo, água e de organismos”, e por meio ambiente a “soma total das condições externas circundantes no interior das quais um organismo, uma condição, uma comunidade ou um objeto existe. O meio ambiente não é um termo exclusivo; os organismos podem ser parte do ambiente de outro organismo” (ART, 1998). Santos (1996), discutindo o conceito de sustentabilidade, considera que environment (ambiente) compreende a base física e material da vida, a infraestrutura (infra-estrutura) possibilita a sua existência em toda e qualquer escala. Nesse sentido, ainda citando Humphrey e Buttel in Santos (1996), o conceito de ambiente envolve “a biosfera ou a fina camada de vida que recobre a superfície da terra, localizada entre a crosta terrestre e a atmosfera” constituindo, portanto, “as condições externas e influências afetando a vida ou a totalidade do organismo das sociedade, ou a infra-estrutura biótica que sustenta populações de todos os tipos”.

Pode-se dizer, portanto, que o ambiente é o conjunto de meios ambientes das diversas espécies conhecidas pelo homem.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO CONTEXTO ESCOLAR

Histórias em quadrinhos são formas de arte publicadas em revistas e jornais que expressam uma história através de uma sequência de quadros. Conjugando texto e imagens, têm o objetivo de narrar histórias dos mais variados gêneros e estilos.

De acordo com Costa (2012, p.24), os quadrinhos são produtores de cultura por serem constituintes das ideias, costumes e modos de vida das sociedades humanas. Ainda segundo o autor, eles podem ser transmissores de valores, formadores de identidades e produtores de significação.

Há várias formas de se entender os gibis. As histórias podem ser interpretadas e adquirem sentidos dentro do contexto social em que a linguagem se encontra inserida.

Segundo Machado, Aquino e Freitas (2000, p.5) eles podem ser utilizados desde as séries iniciais até o nível universitário:

Por seu caráter globalizador, histórias em quadrinhos, possibilitam o uso de diferentes áreas de conhecimento, o que facilita sobremaneira o trabalho interdisciplinar com diferentes habilidades interpretativas no âmbito visual e verbal.

Vergueiro (2010) cita alguns motivos para que as histórias em quadrinhos tenham um bom desempenho nas escolas, como: a popularidade das histórias entre os alunos; o conjunto de imagens e palavras, que amplia a compreensão de conceitos; as possibilidades de acesso à comunicação, que são ampliadas; os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes e a interpretação das histórias faz com que o aluno desenvolva raciocínio lógico.

Com um correto direcionamento dado pelo docente, a utilização de histórias em quadrinhos traz benefícios pedagógicos que vão muito além do entretenimento, podendo auxiliar no desenvolvimento escolar, estimulando a leitura, a escrita e a pesquisa.

Acredita-se que os quadrinhos na educação ambiental contribuam para a formação de cidadãos mais críticos, reflexivos e conscientes de seus direitos e deveres, fazendo-os desenvolver habilidades que colaborarão nas práticas cotidianas, no que diz respeito à questão ambiental (Silveira; Caruso, 2009).

Pizarro (2009) discorre que as histórias em quadrinhos como material de divulgação científica, que trazem uma situação-problema, permitem que os educadores as usem para serem confrontadas com o tema gerador de discussão, sendo, portanto, um material capaz de formar consciências, o que vai muito além da diversão.

A lógica da educação tradicional é transmitir valores ecológicos do educador para o educando, mas o trabalho de conscientização não é simplesmente este. O educador deve na verdade possibilitar ao educando questionar criticamente os valores estabelecidos pela sociedade.

Deve-se permitir que o discente construa o conhecimento e critique valores com base em sua realidade, o que não significa um papel neutro do docente, que negue os seus próprios valores em sua prática, mas que propicie ao discente confrontar criticamente diferentes valores em busca de uma síntese pessoal que refletirá em novas atitudes. (GUIMARÃES, 2007. p. 32)

Constrói-se uma nova visão de determinada realidade e a partir daí gera-se uma mudança de hábitos. No caso da educação ambiental, a partir do conhecimento dos fatos sobre a situação do meio ambiente, das consequências das ações do homem sobre a natureza, é que poderemos refletir e avaliar com maior ou menor grau de importância a urgência a necessidade de se mudar

antigos hábitos para tentarmos reduzir os danos causados por nossas ações do nosso meio ambiente.

Pizarro destaca que as histórias em quadrinhos promovem

[...] a reflexão acerca das temáticas em ciências nos diversos níveis da educação básica, aproximando os saberes acadêmicos e escolares aos interesses dos alunos e motivando-os a desenvolver e expressar competências (2009, p. 1).

Cabe destacar que as histórias em quadrinhos neste artigo têm sido analisadas como materialidades produtoras de discurso e não como recursos didáticos, sendo o ambiente visto como objeto discursivo e não somente como um mero espaço onde os seres vivem.

Retomando Oliveira (2015), que discorre que os enunciados produzem modos de ver o ambiente como aquele que pedagogiza o homem, isto vem sendo bastante evidenciado também nos gibis, com enunciados dispersos em meio a relações de poder/saber, como afirma Foucault (2009).

Nas histórias em quadrinhos podemos observar o discurso como um conjunto de práticas que sempre estão produzindo múltiplas verdades sobre as coisas, e produzindo as próprias coisas de que falam, como declara o mesmo autor.

CAPÍTULO II – A PRODUÇÃO DO AMBIENTE NO ALMANAQUE DO CASCÃO

O almanaque do Cascão foi escolhido como empiria de maneira aleatória. A análise das histórias em quadrinhos presentes na coleção Turma da Mônica – 50 anos foi realizada após a leitura de todas as histórias do almanaque, com posterior seleção de quatro histórias. Essas histórias foram selecionadas para análise por conterem maior conteúdo pertinente à temática ambiente, em que se percebe claramente uma relação do homem com o ambiente em que a mídia deseja transmitir determinadas mensagens aos leitores.

A rede discursiva foi montada a partir da leitura e análise das quatro histórias e foram encontrados dois enunciados: ambiente poluído e ser sustentável. O cuidado com o planeta foi algo bastante presente em todas as

histórias. Estes enunciados foram escolhidos por estarem mais de acordo com a temática do trabalho.

A coleção Turma da Mônica – 50 anos comemora o aniversário de criação da Turma da Mônica com uma coletânea de histórias de cinco personagens: Cascão, Bidu, Mônica, Cebolinha e Magali, em que cada um possui um almanaque para a coleção, totalizando cinco almanaques.

A coleção foi escolhida de modo aleatório, tendo sido realizado pela acadêmica um projeto de iniciação científica a este respeito no mesmo ano de publicação.

Dentre os cinco personagens presentes na Coleção Turma da Mônica – 50 anos, foi escolhido o Cascão, tendo em vista que em seu almanaque há um maior número de histórias possíveis de serem analisadas com a temática ambiental. O material é de fácil acesso à compra pela internet, não tendo sido encontrado em livrarias da cidade.

A realidade objetiva se constrói por dentro de uma trama discursiva. Descrever um enunciado, segundo Foucault, é empreende-lo como um acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar. “O discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história” (1985=6, p.146).

Quando falamos em discursos, afirmamos que cada um deles compreende um conjunto de enunciados, apoiados num determinado sistema de formação ou formação discursiva.

Para Foucault, os discursos formam os objetos de que tratam e há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos.

Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (Foucault, 1986, p.56)

ENUNCIADO 1: AMBIENTE POLUÍDO

A primeira história analisada chama-se “Cascão e os terríveis esfumaçantes”. Nela, uma simples chaminé começa a mudar lentamente por causa dos vapores químicos que expelle e começa a pensar. Trata-se da vilã da história, que pretende dominar todos os humanos controlando tudo o que solta fumaça, como: cigarros, escapamentos e outras chaminés.

Figuras 1, 2 e 3 – Cascão e os terríveis esfumaçantes



Fonte: Sousa (2013)

Observa-se nessa história a ideia de ambiente poluído, com o ar contaminado pela fumaça de uma chaminé de fábrica, um ambiente que precisa de intervenção. As crianças estão impotentes e precisam de ajuda. Trata-se de um ambiente urbano.

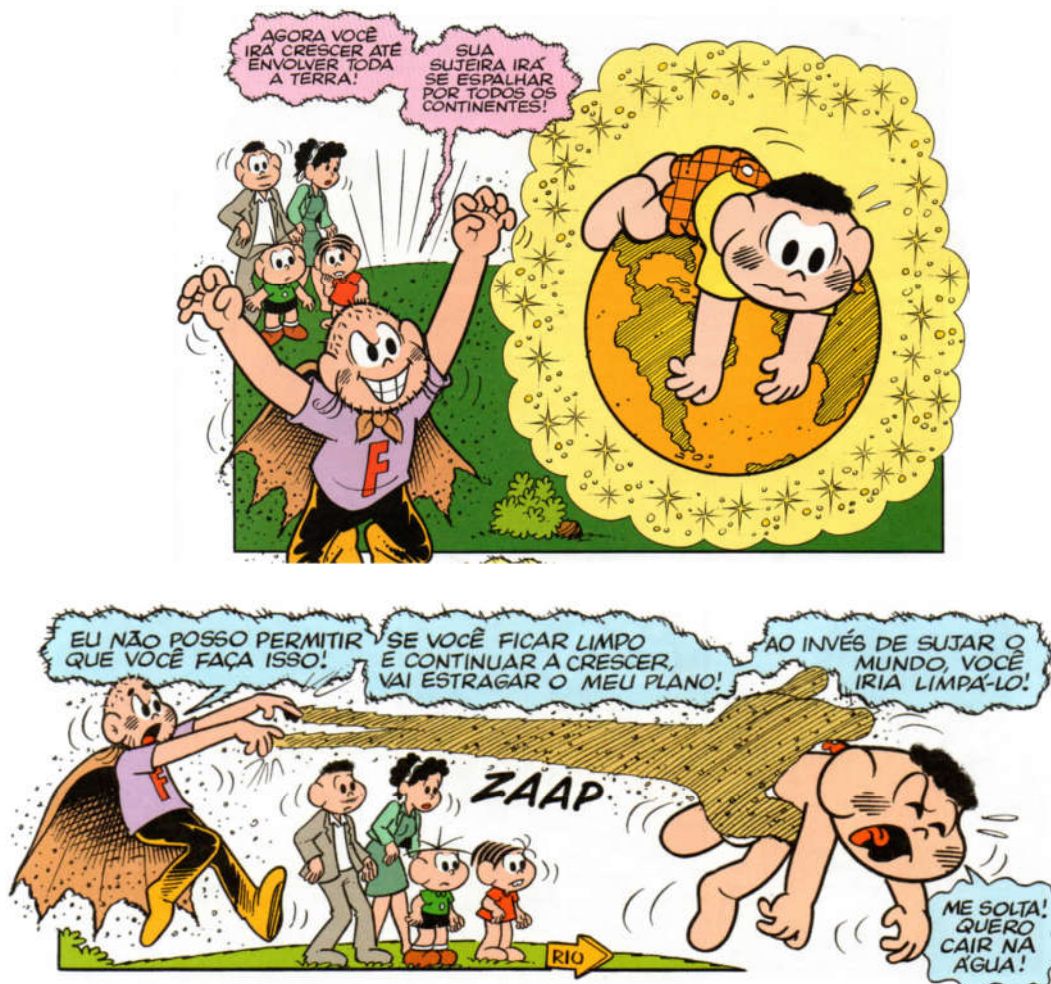
A poluição do ar é uma da série de problemas que acompanha o desenvolvimento urbano. O ambiente das cidades é dito como poluído, podendo causar doenças, por ter sido muito modificado pelo ser humano ao longo dos tempos. A poluição nos centros urbanos manifesta-se como uma das problemáticas mais evidentes a serem enfrentadas na preservação do meio natural e diz respeito a qualidade de vida. Até mesmo a forte Mônica se vê bastante fraca e incapaz de qualquer atitude diante da situação.

Em sua fala: “Nada pode me deter! Sou mais forte que qualquer humano” a chaminé transmite uma mensagem de que o ser humano vem modificando o seu ambiente com o passar do tempo e tem perdido o controle sobre o mesmo. Trata-se de uma discussão em que as invenções humanas causam transtornos, mostrando que as modificações no ambiente devem ser não evitadas, mas muito bem pensadas, tendo em vista uma melhor qualidade de vida para nós seres humanos e outros serem que conosco convivem.

Na afirmação: “Saia daí, mísero humano”, podemos perceber através da utilização do adjetivo mísero a ideia de que o ser humano tornou-se de certa forma fraco diante de suas próprias invenções, reafirmando a falta de controle sobre o ambiente.

Além disso, as imagens produzem uma ideia de que a luta pelo meio ambiente é algo individual, em que basta cada um fazer sua parte que tudo muda. Entretanto, sabemos que há também o setor industrial, madeireiro, entre tantos outros, que contribuem e muito para que tenhamos uma série de problemas para nosso ambiente e que se trata de um problema maior e que exige atitudes que vão além das ações individuais.

Figuras 4 e 5 - O Cascãozão



Fonte: Sousa (2013)

Em mais uma história do Almanaque do Cascão 50 anos, desta vez chamada O Cascãozão, o mundo está em perigo. Agora o vilão é o Capitão Feio, que com seu raio de crescimento aumentou o tamanho do Cascão com a intenção de sujar o mundo inteiro.

Na continuação da história, Cascão tenta se jogar em um lago da cidade, onde todos pensam ter água, para tentar enganar o Capitão Feio, que acredita que ele com o ato ficará limpo, prejudicando seu plano de sujar o mundo inteiro.

Esta história passa a ideia para as crianças de que devemos manter o mundo limpo e não o poluir. Mais uma vez surge a ideia das ações individuais para salvar o planeta.

Podemos assim retomar Oliveira (2015) que aborda que os enunciados sobre ambiente produzem modos de dizer e ver as questões ambientais, ou dão lições de “como nos relacionar”, e “como cuidar do planeta”.

É frequente no mundo atual a propagação através da mídia da consciência que devemos ter em relação ao ambiente em que vivemos, a preocupação e o cuidado em manter o meio no qual vivemos em ótimas condições de vida.

Um exemplo de materialidade onde este enunciado está presente é a música Não jogue lixo no chão, de Rubinho do Vale:

Não jogue lixo no chão, chão é pra plantar semente
Pra dar o bendito fruto pra alimentação da gente
O peixe que sai do rio, o amor que sai do peito
A água limpa da fonte, um sentimento perfeito
A terra que tudo cria não pede nada demais
Ser tratada com carinho para vigorar a paz
Não jogue lixo no chão, nem rios, lagos e mares
A terra é nossa morada onde habitam os nossos pares
A natureza é quem cria o amor imediatamente
Milagre que faz da vida bendito fruto do ventre
Se queres sabedoria aprenda isto de cor
A terra é a mãe da vida ,útero, ventre maior
Não jogue lixo no chão, chão é pra plantar semente
Pra dar o bendito fruto pra alimentação da gente
(www.letras.mus.br/rubinho-do-vale/1123217)

Lixo extraordinário é um documentário de 2009 que fala sobre um dos maiores aterros sanitários do mundo, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, sendo outra materialidade que traz o enunciado do ambiente poluído. A era da estupidez, também de 2009, é outro documentário que aborda a temática, mostrando a destruição ambiental no mundo, alertando para a responsabilidade em impedir uma catástrofe global.

A história das coisas, de 2007, é outro interessante documentário que mostra as etapas de produção de produtos que afetam nossa vida e

comunidades em diversos países - desde a extração, produção, até a venda, consumo e descarte.

Essa preocupação com o ambiente está presente em uma nova história do mesmo almanaque, intitulada Gibis, pra que te quero...

ENUNCIADO 2 – CUIDADO COM O PLANETA, SER SUSTENTÁVEL

Figura 6 - Gibis, pra que te quero...



Fonte: Sousa (2013)

Nessa nova história Cascão começa a vender seus gibis usados. Apesar de o Cascão pensar somente nos lucros que terá com a venda dos gibis usados, com a finalidade de comprar uma bola, trata-se de uma ideia muito boa que acaba incutindo de forma sutil na criança o conceito de sustentabilidade, com a redução do volume de resíduos para o meio ambiente, na contramão do consumismo tão presente na sociedade atual.

O tema da sustentabilidade surge de modo bastante natural na história e é uma forma muito interessante a ser abordada para as crianças.

De acordo com Dovers e Handmer (1992 apud Sartroi, Latrônico e Campos, 2014) sustentabilidade é a capacidade de um sistema humano, natural ou misto resistir ou se adaptar à mudança endógena ou exógena por tempo indeterminado. O desenvolvimento sustentável seria o caminho para se alcançar a sustentabilidade, que é o objetivo final, de longo prazo.

Há algumas décadas não havia essa preocupação com o que é produzido pela sociedade, com o consumo em excesso e para onde vai toda essa produção. O ambiente era visto de uma maneira diferente e não havia a mesma mentalidade. Atualmente tem-se visto uma mudança no pensamento das pessoas e isso repercute nos meios midiáticos.

Voltando-nos para os teóricos, recordamos que Guimarães (2008) comenta que as formas como nos relacionamos com a natureza dizem respeito ao momento histórico em que vivemos. Garré (2015) fala que existem múltiplas formas de ver, compreender e enunciar o ambiente, considerando o momento histórico, político, social e cultural do qual fazemos parte.

Ao assumir a ferramenta do discurso em Foucault tomamos os enunciados como produtores de modos de ver e dizer o ambiente e que nunca são tidos como desinteressados, já que estão dispersos em meio a relações de poder/saber.

Na história chamada O rei do deserto, Cascão vai para a praia com os pais e de repente, após uma nuvem de poeira, encontra dois beduínos que dizem que ele é o prometido que tanto esperavam para encontrar um tesouro.

Figura 7 – O rei do deserto.



Fonte: Sousa (2013)

O tesouro perdido comentado na história é a água. Na fala: “Claro! Quer coisa mais preciosa?” evidencia-se quão importante a água é como recurso natural.

Em: “Já não podíamos mais plantar nada, nem criar animais...” aborda-se a importância da água para a alimentação, pois precisa-se de água para as plantações e para se criar animais. “Há séculos que o nosso povo sobrevive com pouca água” e “De que nos valeria todo o ouro e prata nesta terra, se só podíamos comer farofa seca?” é outra frase que reafirma a importância da água para os seres humanos.

Figura 8 – O rei do deserto



Fonte: Sousa (2013)

Neste quadrinho acima se fala da construção de diques, aquedutos e fontes, ensinando para as crianças interessantes construções para a utilização da água. A água é uma temática bastante frequente nas discussões ambientais. O gibi mostra mais uma vez a importância do cuidado com o planeta e a boa utilização dos recursos que temos no ambiente.

O discurso econômico e científico podem ser claramente notados nas tirinhas. De acordo com Gullo (2010, P.3):

O papel da natureza tem sido o de fornecedor de insumos para a produção de bens e serviços ao homem e, portanto, aparece, nos pressupostos econômicos, como uma possível limitação para o crescimento econômico.

Há, portanto, uma questão econômica presente nessa discussão. Mueller (2005), afirma que se a atual geração deixar para as gerações futuras um estoque de capital natural que não seja menor que o existente no presente, nossos descendentes terão condições de usar esse capital para gerar, pelo menos, o mesmo nível de bem-estar que usufruímos hoje.

Existem atualmente vários aplicativos para celulares e tablets, disponíveis em sistemas operacionais iOS e Android, que incentivam o comportamento sustentável e a preservação do ambiente, visando reduzir o impacto ambiental. Estas produções contribuem para a divulgação de soluções para um mundo melhor para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem múltiplas formas de ver, compreender e enunciar o ambiente, considerando o momento histórico, político, social e cultural do qual fazemos parte. Ao assumir a ferramenta do discurso em Foucault vemos que os enunciados produzem modos de ver e dizer o ambiente, dispersos em meio a relações de poder/saber.

A mídia produz discursos que nos ensinam a cuidar do meio em que vivemos. No Almanaque do Cascão, da coleção Turma da Mônica 50 anos, percebe-se claramente esta preocupação em transmitir esta consciência, mantendo o planeta limpo, cuidando dos recursos naturais que temos e utilizando bem os recursos que são produzidos.

Não há um discurso único sobre o ambiente, pois os discursos são produzidos a todo o momento, de um ambiente que se reinventa, em novas práticas. Os gibis utilizados pela escola constituem parte dessa função pedagógica da escola, atuando na proliferação de enunciados que delineiam os modos de pensar a vida, a sociedade, o cotidiano, o ambiente.

Os objetivos do trabalho foram alcançados. Revistas em quadrinhos são materialidades produtoras de discursos que devem ser utilizadas na escola não somente como forma de incentivar o aluno à leitura, mas também como recursos que reforcem os conhecimentos trabalhados e tragam conteúdos científicos pertinentes para serem amplamente discutidos em sala de aula.

Este trabalho teve grande valor para a formação da acadêmica, visto que é de muita importância para a formação de todo educador investigar e analisar o que está sendo exposto e inculcido para nossas crianças. É necessário investigar a rede discursiva que produz o conceito de educação e ambiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Gustavo Cunho; COSTA, Mauricio Alves; COSTA, Evânio Bezerra. As histórias em quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso Didático-Pedagógico. **Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes**. Uberlândia, n. 2, p. 26-27. Julho/dezembro 2008. Disponível em: <http://www.mel.ileel.ufu.br/pet/amargem/amargem2/estudos/MARGEM1-E31.pdf>.> acesso em outubro de 2018.

BASTOS, Adson dos Santos; SILVA, Alexsandro F. da S.; FERREIRA, Paloma Santos. **Educação ambiental: um convite a refletir a partir das práticas pedagógicas do professor da educação básica** Disponível em: <cobeai.escolaverde.org/anaiscobeai/trabalhos/GT4.pdf> Acesso em: 20 de outubro de 2018.

BASTOS, F. **Ensino de ciências e matemática III: contribuições da pesquisa acadêmica a partir de múltiplas perspectivas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

CORAZZA, Sandra Mara. **Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos**. In: Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COSTA, Marsoniel Felipe da. Os quadrinhos em sala de aula. Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, PB, 2011.

COSTA, R. M. **Geografia em Quadrinhos Imaginando um Mundo em Sala de Aula**. Porto Alegre: UFRGS, 2012. 112 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

DULLEY, Richard Domingues. **Noção de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos ambientais e recursos naturais**. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/pdf/asp-2-04-2.pdf>> Acesso em: 25 de novembro de 2018.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GARRÉ, Bárbara Hees. **O Dispositivo da Educação Ambiental: Modos de Constituir-se Sujeito na Revista Veja**. Tese (Doutorado). Programa de Pós graduação em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande. 2015.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **A importância da história e da cultura nas leituras da natureza.** Disponível em: <www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/4244> Acesso em outubro de 2018.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **O dispositivo da sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo.** PERSPECTIVA. Florianópolis, v. 30, n. 2, 395-409, maio/ago. 2012.

GULLO, Maria Carolina. **O pensamento econômico e a questão ambiental: uma revisão.** Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/041.pdf>>. Acesso em: 25 de novembro de 2018.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HENNING, Paula Correa. GARRÉ, Bárbara Hees. **Educação Ambiental e cinema: produções discursivas em tempos líquidos.** Revista Interações, n. 15, p. 55-67, 2010.

Jornal em Tempo, notícias ambientais. Disponível em: <http://d.emtempo.com.br/ciencia-e-tecnologia>> Acesso em outubro de 2018.

KAMEL, C.R.L.; LA ROCQUE, L. **As histórias em quadrinhos como linguagem fomentadora de reflexões – uma análise de coleções de livros didáticos de Ciências Naturais do ensino fundamental.** *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, 6(3): 59, 2006.

KAWAMOTO, E.M.; CAMPOS, L.M.L. **Histórias em quadrinhos como recurso didático para o ensino do corpo humano em anos iniciais do Ensino Fundamental.** *Ciênc. educ.*, Bauru, 20(1): 147, 2014.

KRAEMER, Débora Riograndense; NOGUERA, Jorge Orlando Cuéllar. **A conscientização na infância para a preservação ambiental.** Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/4443/3418>> Acesso em 12 de outubro de 2018.

MACHADO, Maria Iranilda Alves; AQUINO, Denize Tomaz de; FREITAS, Vera Lúcia Chalegre de. **MEIO AMBIENTE EM HISTÓRIA DE QUADRINHOS (HQ): UMA EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II EM GARANHUNS-PE.** Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_M D1_SA10_ID10168_13082016213535.pdf> Acesso em outubro de 2018.

OLIVEIRA, Cavalcante Albaneide. **O que é ambiente hoje? Quando as imagens fabricam enunciados imagéticos.** Belém: UFP, 2015.

PIZARRO, M.V. As histórias em quadrinhos como linguagem e recurso didático no ensino de Ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7, 2009, Florianópolis. *Caderno de Resumos*. Florianópolis: 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo. **A didática e as experiências de sala de aula: uma visão pós estruturalista.** Revista Educação e Realidade. v.21, n. 2, Porto Alegre, jul-dez, 1996.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino In: RAMA, Angela.; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2010.